CARIMBÓ: uma experiência curricular para além da reprodução coreográfica

Pedro Xavier Russo Bonetto[31]

Resumo: O artigo em questão descreve as atividades desenvolvidas no ano de 2018 com duas turmas do quarto ano do ensino fundamental, no componente da Educação Física, em uma escola municipal da cidade de São Paulo. A concepção curricular que fundamentou a proposta é o chamado currículo cultural de Educação Física (NEIRA, NUNES, 2006, 2009). A experiência curricular desenvolvida tematizou o carimbó. De forma geral, avaliamos que a escrita-currículo propiciou uma temática que poucos conheciam, uma dança do norte do Brasil que também pode ser problematizada em relação às questões de gênero engendradas na dança.

Palavras-chave: Currículo Cultural. Escola. Carimbó.

Abstract: The article in question describes how activities developed in 2018 with two classes of the fourth year of elementary school, no component of Physical Education, in a municipal school in the city of São Paulo. A curricular project that supported a proposal or curriculum of Physical Education (NEIRA, NUNES, 2006, 2009). The curricular experience developed thematized or stamped. In general, evaluations that include a written and thematic curriculum that few people know about, a dance from northern Brazil and that can also be problematized in relation to gender issues engendered in dance.

Keywords: Cultural Curriculum. School. Dance.

Introdução

Na sua concepção pós-crítica[32], as práticas corporais (esporte, dança, brincadeira, luta, ginástica e outras não categorizadas), bem como todos os discursos que circulam sobre estas, compõem o que chamamos de cultural corporal.

> O que se defende é que diversos temas relativos à cultura corporal subordinada sejam incluídos na agenda dos debates escolares, por terem sido ao longo dos séculos desdenhados e tergiversados. Também se defende que

31 Professor da rede municipal de São Paulo, professor da Faculdade Flamingo. Doutorando em Educação pela FEUSP.

32 De acordo com Silva (2011) a teorização pós-crítica não é a superação das teorias críticas, ao contrário, as perspectivas se combinam para nos ajudar a compreender as relações de poder e controle que compõem os artefatos culturais. Nessa perspectiva, as teorias pós-críticas no âmbito da educação abordam com ênfase as preocupações com a diferença, com as relações saber-poder, o multiculturalismo, as diferentes culturas. Por isso, o currículo escolar é compreendido como uma questão de subjetividade, identidade e diferença.

> a cultura corporal dominante seja analisada sob outros ângulos, isto é, tomando por base as crenças epistemológicas não dominantes (NEIRA; NUNES, 2009, p. 251).

Influenciada pelas teorias pós-críticas do currículo, a Educação Física cultural compreende que os enunciados que produzem em cada prática corporal, explícita ou implicitamente, corporificam noções particulares de pensamento e modos de vida.

> Nesta perspectiva, o que os une é o compromisso com a democratização das relações vivenciadas com as práticas corporais e os conhecimentos que as circundam, a valorização das diferenças e a problematização do modo como são produzidas no meio social (NEIRA, 2018, p. 16).

A fundamentação do trabalho também se deu a partir do próprio documento curricular do município, *Currículo da Cidade* (2017) que apesar de misturar diferentes perspectivas, indica o componente da Educação Física dentro da área de linguagens e baseado na concepção de cultura corporal.

> O acesso às manifestações da cultura corporal pressupõe que, por meio de vivências, estudos, pesquisas e debates, os estudantes acessem as diversas produções culturais e seus usos sociais vinculados aos jogos e brincadeiras, aos esportes, às danças, às ginásticas, às lutas e a demais práticas corporais do patrimônio material e imaterial da humanidade, bem como àquelas presentes e trazidas pelo próprio grupo e por outros grupos sociais e também por outros povos, sejam no tempo espaço ancestral e/ou contemporâneo. Um dos objetivos é entrar em contato e alargar o conhecimento e a cultura dos estudantes sobre si e sobre os outros (SÃO PAULO, 2017, p. 124).

Dessa forma, em abril, logo após o término de um projeto com Parkour, algumas alunas procuraram o professor perguntando se iriam apresentar alguma dança na festa junina da escola. Disseram que estavam acostumados a dançar quadrilha e sertanejo, mas que desejavam fazer outras danças para a apresentação. De início queriam misturar quadrilha junina com funk, disseram que tinham visto na internet. Foi quando falamos[33] que era muito importante a tematização de uma dança, todavia, isso significava que iríamos estudar vários elementos dessa dança, tematizando-a como já tínhamos feito com outras práticas corporais, ou seja, não seria a dança pela dança, com a finalidade apenas de se apresentar na festa. As estudantes toparam e assim ficou decidido que iríamos conversar mais sobre danças nas aulas seguintes.

33 Escrevemos em terceira pessoa pois contamos com a participação muito importante da estagiária Renata Resende e da pesquisadora Adriana Gehres. Fica registrado nosso agradecimento por toda colaboração e participação nas atividades desenvolvidas.

E assim aconteceu, conversando sobre as possibilidades de tematização com as danças o professor apresentou para os estudantes vários vídeos de diversas danças brasileiras. Dentre elas: bumba meu boi, boi bumbá, vaquejada, catira, forró pé de serra, dança do coco, jongo e carimbó.

Assistindo os vídeos percebeu-se que as crianças não conheciam nenhuma das práticas corporais. Riam, faziam piadas, falavam que era feio, diziam que era "baiano". A única dança que alguns já tinham ouvido falar era o Carimbó, pois tinham visto na novela *Força de um querer* uma personagem chamada Ritinha dançando.

Aparentemente o fato de estar na novela fez que algumas estudantes atribuíssem uma representação mais positiva ao Carimbó em relação às demais, entretanto, a maioria ainda fazia piada e dizia que não ia dançar. Outras meninas, empolgadas com a utilização das saias grandes e coloridas mobilizaram os demais colegas pedindo para que o tema das aulas fosse o carimbó. Assim, diante da possibilidade de tematizarmos elementos da cultura brasileira, mais especificamente da cultura da região norte fez com que definíssemos por este tema. Ressalto que ainda não tínhamos estudado nenhuma dança nas aulas, muito menos práticas corporais tradicionais em outras regiões do Brasil.

Nas aulas seguintes, fomos à quadra da escola com equipamento de som e um celular conectado à internet. Ao buscarmos as músicas do carimbó, algumas crianças começaram a ensaiar alguns passos. Num primeiro momento, observando a necessidade de dançar com saias rodadas, as meninas começaram a usar suas blusas de moletom amarradas na cintura. Logo, algumas perguntaram se poderiam trazer para a escola saias normais que elas ou a família tinham. Nas aulas seguintes muitas alunas tinham lembrado de trazer as saias, o engraçado era que algumas não tinham saias grandes, rodadas e coloridas, ainda assim, tentaram com minissaias, saias *jeans*, saias sociais, saias justas etc.

Por algumas aulas fizemos livremente a dança, procurando lembrar dos passos que tínhamos visto no vídeo. Mas não dava muito certo, era comum pouca gente tentando, sobretudo os meninos, que diziam que não dançavam porque não sabiam. Um dia desses uma das alunas sugeriu que colocássemos o vídeo de carimbó projetado na parede e que a seguir eles e elas poderiam ir imitando os passos. Fizemos esta atividade por algumas vezes dentro do salão de artes da escola.

Fotografia 1 – Primeiras vivências do carimbó

Fonte: Imagem do autor.

Algumas aulas depois estávamos na quadra, dançando de uma forma muito parecida com a coreografia que tínhamos assistido inúmeras vezes na sala de aula e tentado copiar no salão de artes. Essas primeiras vivências se caracterizaram pela tentativa explícita de imitar e reproduzir os passos da coreografia observada.

Aula após aula, a quantidade de pessoas participando foi aumentando. Uma pergunta frequente por parte dos meninos era: *Professor menino dança também? Como que eles dançam se eles não têm saia? O que a gente faz?* Foi quando reparamos que nos dois vídeos que tínhamos assistido desde o começo das aulas, apenas um deles tinha participação de homens/meninos.

Na mesma ocasião, notamos também que a música que elas pediam era sempre a mesma, *Ai menina* da cantora Lia Sophia. Todas as demais músicas de carimbó que colocávamos os alunos e alunas reclamavam. Diziam que não eram músicas bonitas e que pareciam "de índio". Por conta disso, fomos novamente à sala de aula e lá com computador, projetor e caixa de som assistimos mais vídeos de carimbó.

Tomamos cuidado para colocar vídeos que continham a dança em seu contexto cultural de origem, ou seja, danças que eram realizadas dentro dos grupos culturais que realmente à praticavam, pois a impressão que o primeiro vídeo da companhia de dança, não havia dado conta de ancorar culturalmente tal prática corporal. Desta vez a discussão foi mais densa, falamos da região norte do Brasil, sobretudo do estado do Pará. Vimos onde ele se localiza, o tamanho

enorme e sua proximidade com a floresta Amazônica. Descobrimos também que no dia 11 de novembro de 2015, o carimbó paraense recebeu oficialmente a titulação de **Patrimônio Cultural do Brasil,** pelo **IPHAN** (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

Sobre a dança, observamos como se dá a participação dos homens, que da mesma forma que as mulheres utilizam as saias, os homens usam muito o chapéu. Acenando, cumprimentando, girando, entre outros movimentos com este acessório. Ouvimos muitas músicas tradicionais, tentamos cantá-las e aprendemos sobre alguns cantores desse ritmo.

Ainda durante esta aula conhecemos um pouco do grande Mestre Pinduca e a incrível Dona Onete. Primeiro assistimos uma apresentação do Grupo Folclórico Rosa dos Ventros, grupo de carimbó bastante tradicional em Belém do Pará. Uma das músicas do vídeo chamou bastante atenção dos alunos e alunas, assim procuramos informações sobre a letra e o cantor.

Os alunos e alunas se interessaram bastante, falavam com entusiasmo sobre o ritmo e as imagens do vídeo, a maioria deles comentou sobre os dançarinos e dançarinas, suas roupas e a coreografia. Notamos que se tratava de uma apresentação grande, bem prestigiada e o que mais chamou atenção foi a velocidade dos passos de dança dos homens, seus chapéus grandes e coloridos e o momento em que a índia representada por uma das dançarinas sai de dentro do tambor. Outro vídeo que assistimos era um videoclipe da música *No meio do Pitiú*, da cantora Dona Onete.

De forma geral, os alunos e alunas acharam muito legal a música, diziam que essa também era famosa, a história da garça, do urubu, mas queriam saber quem era o pitiú. Pesquisando na internet vimos que pitiú é uma gíria paraense que significa o cheiro forte de característico de peixe. Diz-se que você consegue senti-lo no Ver-o-Peso, a maior feira livre da América Latina, localizada em Belém do Pará.

Tais atividades reverberaram muito bem nas aulas na quadra. Já no dia seguinte os estudantes pediram a música do mestre Pinduca, cantavam e dançavam fazendo a coreografia que a música descreve, "braço pra cima, braço pra baixo, agora eu já sei como é que é, só falta bater a mão, batendo também o pé".

Neste dia dançamos também outras músicas de carimbó que apareciam na internet do celular, já havia mais reclamação nem representações negativas sobre elas.

Observando a dificuldade de dançar carimbó com as saias que tínhamos conversei com as estudantes e juntos fomos solicitar para a diretora da escola que pudesse comprar tecido de chita que coletivamente íamos fazer as saias. A ideia era fazê-las durante as aulas, com um molde,

cola de tecido e barbante. Todavia, a compra dos tecidos foi demorando... demorando...

Tinha dias que as meninas da turma se juntavam, iam na diretoria pedir para a diretora, que pacientemente explicava que estava aguardando verba e a disponibilidade de alguém da gestão ir comprar o tecido. Essa cobrança era semanal e nos chamou atenção para o quanto as estudantes estavam interessadas na dança.

Com intuito de problematizar[34] os discursos que haviam circulado sobre o carimbó, solicitamos para os alunos e alunas uma pesquisa na sala de informática da escola sobre a origem da dança. Eis que na aula seguinte muitas crianças trouxeram seus registros. Daí aprendemos que realmente o carimbó tinha relação com os povos indígenas. De acordo com os materiais consultados pelos alunos e alunas o carimbó era uma dança de roda inspirada nas danças que os escravos africanos costumavam fazer. Mas posteriormente, foram incorporadas influências dos povos indígenas que habitavam a região norte do Brasil, bem como influencias das danças portuguesas.

Aprendemos também que a palavra carimbó é de origem indígena (tupi), que significa *korimbó* (pau que produz som), resultado da junção dos elementos *curi*, que significa "pau", e *mbó*, que significa "furado".

Sobre a nossa prática que havia começado em abril, quando tentávamos copiar as coreografias da internet, aos poucos foi virando uma experiência criativa, de certa forma não sabíamos mais o que era copiado, o que era criação dos próprios alunos e alunas. Conforme as aulas iam acontecendo as crianças iam sugerindo modificações, indicando novos passos, reorganizando aqueles que já sabíamos, assim, nossa forma de dançar foi sendo produzida.

Foram muitas aulas dançando, começávamos separados meninas de um lado, meninos de outro. Depois fazíamos uma grande roda, onde os meninos circulavam as meninas e depois invertia, elas que os circulavam. Na parte final, as meninas iam para um canto da quadra enquanto os meninos dançavam trocando os chapéus, tal como foi visto na apresentação do grupo Rosa dos Ventos.

Não satisfeitos, voltamos a pesquisar outros vídeos e materiais sobre o carimbó. Foi quando nos deparamos com algumas fontes que distinguem tipos de carimbó. A explicação é que o carimbó é uma dança feita pelos trabalhadores no fim do expediente e os tipos de carimbó surgiram em decorrência da ocupação profissional desenvolvida pelos participantes, as quais podem variar conforme a localização no estado. Aprendemos que

34 A problematização do acontecimento por meio da diferença busca suspender os sistemas com que tais práticas corporais operam nas diferentes épocas e contextos, bem como as discursividades que convergem para reduções identitárias e binárias do tipo 'isto é o certo', 'aquilo não o é' (SANTOS, 2016, p. 89).

essas atividades que dão origem à letra das músicas cantadas no carimbó, pois de forma geral elas constam histórias do cotidiano. Assim, identificamos três tipos: carimbó praieiro, carimbó pastoril e o carimbó rural.

Observamos por vídeos que as danças dos tipos de carimbó eram muito parecidas, geralmente acontecia com um convite de dançar do menino/homem para a menina/mulher. Elas em um primeiro momento recusam, giram, desdenham passando a saia no rosto deles. No fim da dança, as meninas/mulheres aceitavam dançar com os melhores dançarinos, aqueles que melhor à cortejavam. A diferença entre os estilos se dava mais nas letras e nas vestimentas dos grupos de dança, mas não foi o que mais nos chamou muito atenção. Na ocasião dessa pesquisa, o que nos pareceu bem interessante, e que mobilizou muito o interesse das crianças foi o ritual da dança do peru, ou carimbó do peru.

Fotografia 2 – Dançando carimbó do peru

Fonte: Imagem do autor.

Nela, as meninas/mulheres jogavam um lenço no chão, enquanto os meninos/homens teriam que pegá-los com a boca, as mãos para trás e sem flexionar os joelhos. Observando vários vídeos, fomos à quadra dançar assim. Os alunos e alunas gostaram muito da dança, para eles e elas a dificuldade de pegar o lenço e a demonstração de dança para conquistar a dançarina virou um desafio. Foi então que depois de algumas aulas, os alunos e alunas quiseram incluir os passos da dança do peru na coreografia que estávamos preparando. Dessa forma, após a brincadeira de trocar os chapéus, as meninas formavam uma fila no fundo da quadra enquanto os meninos tinham que pegar o lenço.

A música usada nos ensaios ainda era a da Lia Sophia, mas nas aulas qualquer que colocássemos eles dançavam e cantavam, demonstrando um maior reconhecimento do estilo de dança.

Depois de quase três meses já estávamos dançando e conhecendo muitos elementos do carimbó. Tínhamos visto muitos vídeos, conhecíamos os passos, os tipos de carimbó, o contexto cultural da dança no estado do Pará, o Mestre Pinduca e a Dona Onete, entre outras coisas. Porém, a saia que a gestão da escola tinha prometido para que fizéssemos as aulas nunca ficava pronta. Foi quando a data da festa da escola se aproximou que o material foi comprado. A ideia de produzir as saias com os estudantes mudou, pois uma professora da escola sabia confeccionar com máquina de costura. Como disseram que a qualidade ficaria melhor do que usando cola de tecido voltamos a aguardar a finalização das saias.

Foi assim, que faltando apenas um dia para a festa conseguimos usar as tão aguardadas saias. Foi uma festa, as meninas adoraram usá-las, parecia que assim não faltava mais nada. Engraçado foi perceber o interesse de alguns meninos pela saia, muitos pediram para usá-las, queriam provar e experimentar como ficava quando giravam. Claro que dividimos o material com quem queria dançar, inclusive com os meninos. Foi quando outros meninos começaram a chamar os colegas que estavam de saia de bicha, diziam também que saia era coisa de menina e que não iam fazer. Registramos estes discursos, mas continuamos o ensaio e a preparação para a apresentação.

No dia da festa as coisas aconteceram de forma bastante interessante. Todos os pais, responsáveis, alunos, alunas, professores e professoras foram na quadra da escola e a apresentação aconteceu tal como havíamos ensaiado. Dançamos duas vezes, a segunda vez tínhamos combinado de convidar quem estava assistindo para dançar junto.

Foi uma experiência bastante alegre, que atraiu muitos elogios e comentários positivos. Muitos responsáveis valorizaram a produção das crianças, agradeceram pelo trabalho desenvolvido com as crianças, disseram que era importante conhecer tal dança uma vez que fazia parte da cultura popular brasileira, entre outros.

Passada a festa, sentamos em roda, conversamos sobre nossa experiência com o carimbó. Os alunos e alunas aproveitaram para fazer perguntas, comentários e de forma geral avaliaram o projeto positivamente. Disseram que aprenderam bastante sobre uma dança que pouco conheciam. Foi muito bacana quando dissemos que agora era hora de mudarmos o tema das aulas, uma vez que já estávamos tematizando o carimbó há bastante tempo, mas quase todas as

crianças disseram que não queriam mudar o tema, pois gostavam muito de dançar carimbó. Foi quando perguntei para os alunos e alunas se carimbó era *coisa de índio*, disseram que sim, que era uma dança com elementos de várias culturas. Perguntei também se quem usava saia era bicha e se o fato de usarmos elas durante a dança, implicaria de alguma forma na nossa sexualidade. Os alunos ficaram surpresos, pois achavam que nós não tínhamos escutado. Os poucos que haviam dito isso, ficaram com vergonha de reafirmar tais representações e a maioria disse que era apenas uma brincadeira, uma dança, diversão, e que não implicaria diretamente nas questões sexuais ou de gênero de quem usasse a saia.

Foi quando relembramos que as saias tinham ficado prontas há pouco tempo, um dia antes da apresentação e que tínhamos utilizado elas apenas duas vezes. Decidimos então montar novamente o equipamento de som na quadra, distribuímos as saídas e caímos na dança.

Buscando desnaturalizar as organizações da dança com fila e gestos específicos para os meninos/homens e para as meninas/mulheres, convidamos os estudantes a misturar tudo. Nessa aula não íamos mais fazer a coreografia, ao invés disso, íamos dançar livremente, como em um baile, uma festa. Foi bastante interessante, alguns meninos de saia, girando, passando a barra das saias no rosto das outras pessoas, algumas meninas fazendo a dança do peru, aquela mesma que era exclusiva para os meninos.

Por mais algumas aulas ressaltamos que era comum que as danças tradicionais reproduzissem determinados papéis sociais, bem como funções específicas para homens e mulheres. Mas que no âmbito escolar, estávamos abertos à ressignificar toda prática cultural, tornando-a mais sensível às inúmeras condições que a diferença dos alunos e alunas se apresenta.

Como tentamos descrever, a perspectiva cultural procura valorizar e promover a diferença, afirmando que ela é produzida discursivamente, em contraponto a certas identidades dominantes. Pragmaticamente falando, a diferença adentra o currículo cultural de Educação Física quando este defende que não existem identidades, conhecimentos, modos de viver, conteúdos, gestos, melhores ou piores, mais adequados ou menos adequados.

> Apresentar-se de forma contrária à afirmada pelos discursos e pelas relações de saber-poder constitui a diferença. Ela pode causar espanto e ser renegada. Do mesmo modo, a escola e o currículo, como práticas discursivas permeadas pelo saber-poder, afirmam qual conhecimento merece ser contemplado – o importante e verdadeiro – e qual não precisa aparecer – o diferente e desnecessário (NEIRA; NUNES, 2009, p. 179).

Encerramos a experiência curricular com uma avaliação bastante positiva, elaborada a partir de todos os registros que íamos fazendo durante o semestre. Indicamos que a atribuição de notas não considerou quem dança bem, ou quem participa mais das aulas. Os registros indicam um aumento qualitativo e quantitativo na participação de todos os envolvidos. Pensamos que os objetivos com o projeto extrapolaram a finalidade de apresentação em um evento escolar. Ampliamos consideravelmente nossos conhecimentos em relação ao carimbó e todo espectro cultural que o envolve. Aprofundamos os conhecimentos sobre as músicas, os gestos, o contexto histórico e cultural da prática tematizada. Por fim, ressignificamos a dança, adaptando e criando gestos e coreografias que se tornaram singulares, tudo isso sem que descontextualizássemos toda rica produção cultural já existente sobre o carimbó. Trata-se de um movimento complexo, sempre duplo, no início de mera reprodução, cópia, reconhecimento, mas com o passar do tempo, a impossibilidade de ser exatamente igual demonstra o quanto há de promoção e criação da dança.

REFERÊNCIAS

NEIRA, M. G. **Educação Física cultural:** inspiração e prática pedagógica. Jundiaí: Paco Editorial, 2018.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Educação Física, currículo e cultura.** São Paulo: Phorte, 2009.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Pedagogia da cultura corporal:** crítica e alternativas. São Paulo: Phorte, 2006.

SANTOS, I. L. **A tematização e a problematização no currículo cultural da Educação Física.** Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação. São Paulo: FEUSP, 2016.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da Cidade:** Ensino Fundamental: Educação Física. São Paulo: SME/COPED, 2017.